

Considerações sobre a formação lexical de verbos denominais em linguagem de especialidade

Sabrina Pereira de Abreu¹
Leandro Zanetti Lara²

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

4-SCHMIDT, Simone Pereira
Gênero e História no Romance Português, 2000,
216 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
<http://www.pucrs.br/edipucrs/>
E-mail: edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 320.3523

Introdução

O contínuo estudo de ~~teorias~~ formas sintáticas formais, aliado ao tratamento semântico, tem possibilitado o desenvolvimento de modelos teóricos para o tratamento de diferentes fenômenos das línguas naturais. Uma das dificuldades que esses modelos enfrentam centra-se no fato de que os mesmos nem sempre apresentam condições para a explicação e descrição de fenômenos que inter-relacionam informações sintáticas e semânticas. Este é o caso quando estudamos as propriedades sintáticas ou semânticas de linguagens de especialidade. Isso é, mesmo que essas linguagens compartilhem muitos elementos com a língua comum (Cabré, 1993:135), é inegável que há particularidades em sua configuração semântica que se manifestam em sua organização sintática. As linguagens de especialidade, por constituírem léxico de domínio específico, apresentam, produtivamente, um determinado tipo de processo de formação lexical. Este parece ser o caso da linguagem enológica, isto é, para for-

¹ Agradecemos a leitura atenta e as valiosas sugestões da Profa. Dra. Enilde Faulstich. Quaisquer problemas remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

² Professora Adjunta do DECLAVE/UFGRS, Coordenadora do INTERCON.

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras da UFGRS, bolsista de Iniciação Científica CNPq/P18IC.

mar novos termos' neste domínio, sistematicamente o falante recorre à formação lexical de verbos denominais. Desse ponto de vista, tal tipo de linguagem constitui um excelente corpus para pesquisas que se interessam por explicar as propriedades sintáticas e semânticas dos itens lexicais.

Assim, a idéia que está por trás da análise que passamos a apresentar é a de que uma linguagem de especialidade¹, objeto da terminologia, apresenta particularidades semânticas que são refletidas em suas estruturas argumentais.

Em função da especificidade deste artigo, isto é, descrever, ainda de forma preliminar, alguns processos produtivos de formação lexical em linguagem de especialidade, não poderemos analisar, aqui, todos os processos derivacionais encontrados no corpus examinado; antes, faremos uma breve descrição da formação lexical de verbos denominais em linguagem de especialidade, baseados nos postulados da Teoria da Incorporação (Hale & Keyser, 1992, 1993), a qual tem sido largamente utilizada para a descrição de fenômenos afeitos à estrutura argumental no português brasileiro.

O trabalho está assim organizado: na seção 1, faremos uma breve exposição da proposta de Clark & Clark (1979) sobre as particularidades semânticas dos verbos denominais, buscando mostrar as especificidades de sentido que estes verbos podem assumir; na seção 2, apresentaremos, resumidamente, o mecanismo da incorporação (Hale & Keyser, 1993); e, na seção 3, apresentaremos a descrição da formação lexical de verbos denominais na Linguagem Enológica. E, por fim, as considerações finais.

1. Categorias Semânticas de Verbos Denominais

Eve V. Clark e Herbert H. Clark (1979), no artigo *When Nouns Surface as Verbs*, ao proporem uma teoria interpretativa

¹ Entendemos "termo" como uma unidade lexical específica aos diferentes domínios do vocabulário científico e técnico (cf. Faulstich, 1996:237).

² A Linguagem Enológica, em especial a Análise Semântica Enológica, constitui uma das linguagens de especialidade que estão sendo examinadas no Projeto INTERCON/UFERS.

dos verbos, apresentam uma classificação preliminar para os verbos denominais de língua inglesa.

Segundo estes autores, os significados de um determinado verbo denominial, na maioria das vezes, provêm dos nomes dos quais eles historicamente derivam. O verbo *ambientar*, por exemplo, relaciona-se, pelo menos etimologicamente, com o nome *ambiente*. Dessa maneira, a classificação proposta por Clark & Clark para os verbos denominais relaciona-os com paráfrases em que estão presentes os nomes dos quais tais verbos derivam. Exemplifiquemos com o verbo *empacotar*:

- (1) a. Ele empacotou as compras.
b. Ele pôs as compras num pacote.

Para cada categoria, há uma paráfrase geral à que corresponde um determinado grupo de itens verbais. A categoria³ receberá, então, uma denominação com base no caso que o verbo carrega e que se manifesta nas paráfrases⁴.

Clark & Clark classificam os verbos denominais em cinco grupos: verbos *locatum*, verbos locativos/durativos, verbos agentivo/de experienciador, verbos de alvo/de fonte e verbos de instrumento.

Os verbos *locatum*⁵ são aqueles derivados de nomes que estão no caso objetivo em paráfrases que descrevem a localização de alguma coisa em relação a outra. Vejamos o exemplo:

³ Clark & Clark (1979:769) nomeiam tais categorias segundo os papéis de caso (Fillmore 1968, 1971).

⁴ Para os autores, tais paráfrases não passam de meros dispositivos heurísticos, pois permitem agrupar verbos com origem similar, mas não abarcam todo o conteúdo de um dado verbo.

⁵ No português brasileiro, temos os seguintes exemplos de verbos *locatum*:
Preposição *sobre*: Coberturas: cobertear, selar (pôr sela)/Pós: empoar, polvilhar. /Metal: tomar, estanhar, platinar, pratear.
Preposição *em*: Condimentos: adoçar, apimentar, azeitar, bulgar, temperar. Humano: povoar. Pós: empoar, polvilhar. Roupas: abotoar, alinhar, embainhar, entoupar, espartilhar, remendar. Sinais: assinalar, rubricar, endereçar, carimbar, cruzar (o cheque), estampar, rotular, selar (pôr selo).
Preposição *para*: abrigar, agasalhar, alimentar, apoiar, armar (os soldados), elogiar, estimular/
Preposição *de*: listar (os participantes), mapear, registrar (os hóspedes)
Locução Preposicional *em volta de*: cercar, confinar, emparedar, envedar, gradear, murar
Locução Preposicional *ao longo de*: arborizar (as ruas), asfaltar, cercar, emparedar, murar, pavimentar, sinalizar (as ruas).

- (2) a. Ele tampou o recipiente.
b. Ele fez algo que causou que [o recipiente tivesse uma tampa].

c. Ele pôs a tampa no recipiente

Na paráfrase em (2b), *tampa* está no caso objetivo. Em outra paráfrase possível, em que aparecesse a palavra *recipiente*, esta obrigatoriamente teria de seguir a preposição *em*, como se pode ver em (2c).

Já o verbo *acessar* estaria relacionado à locução preposicional *ao redor de*, como pode ser visto em (3):

- (3) a. Ele cercou a casa.
b. Ele pôs a cerca ao redor da casa.

Os verbos locativos⁹ e durativos¹⁰ são aqueles verbos derivados de nomes que estão no caso locativo nas paráfrases, como exemplificado em (4) a (5):

Verbo locativo

- (4) a. Ele emoldurou a pintura.
b. Ele pôs a pintura numa moldura.

Verbo Durativo

- (5) a. Ela veraneou na praia.
b. Ela estava na praia no verão.

Os verbos agentivos¹¹ e de experienciador¹² são os que se encontram no caso agentivo. No caso dos verbos de Agente,

geralmente vinculados a ocupações/profissões ou a papéis especiais, tais como *cigarar* e *estrelar* (num filme), o nome, na paráfrase, encontra-se no caso agentivo, como pode ser visto em (6):

- (6) a. Ele chefou a expedição.
b. O chefe foi ele na expedição.

Os verbos denominais de alvo¹³ derivam de nomes que se encontram no caso alvo nas paráfrases, como pode ser visto em (7) e (8):

- (7) a. Ele esmigalhou a pão.
b. Ele fez algo que causou que [o pão virasse milhagas].
(8) a. Ele enviuvou.
b. Algo aconteceu que fez com que ele [se tornasse viúvo].

Quando o verbo é transitivo, a paráfrase especifica tanto a fonte (no exemplo acima *pão*) quanto o alvo (*milhagas*). A fonte denota a substância da qual é feito o alvo. Quando o verbo é intransitivo, como em (8a), a paráfrase (8b) especifica apenas o alvo (no caso dos verbos de alvo) ou apenas a fonte (no caso dos verbos de fonte¹⁴).

Os verbos de instrumento¹⁵ são o tipo mais comum de verbos denominais e são os que derivam de nomes que, nas pará-

Animação: cadornear, empiniquitar-se, macaquear, tatar, sapatar, serpeninar, unibuzar.

⁹ Os verbos de experienciador são raros. O verbo da sentença *Testemunhar o assassinato* é classificado consoante à premissa de que testemunhas não assistem a acidentes, mas que são soventes os vêem.

¹⁰ No português brasileiro, podemos citar os seguintes exemplos de verbos de alvo: *Grupos*: agrupar, alinhar, embalar, enfileirar, ordenar, seqüenciar. *Mãos*: acumular, armazenar, embalar, empilhar, enfiar, reservar. *Formas*: anelar, curvar, dobrar, encasacolar, enovelar, enrolar, enroscar, enrugar, esplanar, pregar, trançar, vincar.

Pedaços: desmembrar, esmigalhar, fatiar, repartir, segmentar. *Produtos*: alforar, anglicizar, burbulhar, copiar, florescer, lacrimar, numerar, zigzaguar.

¹¹ São raros os verbos de fonte em português brasileiro.

¹² Outros exemplos de verbos instrumentais no português brasileiro são: *Ir*: carónhar, esquilar, navegar, pedalar, remar, rodar, surfar. *Prender*: abotoar, acorrentar, afivelar, algenar, ancorar, cadear, carentar, criar, pregar, soldar, trançar. *Ligar*: escovar, filtrar, lavar. *Bater*: apitar, coquear, chicotear, estropear, estufar, martelar. *Cortar*: esfaquear, lancar, serrar. *Destruir*: bombardear, dissimular, gasear, torpedear. *Capturar*: laçar. *Bloquear*: bloque-

⁸ Os verbos locativos, no português brasileiro, em sua subcategorização interna, é como segue: Preposição *sobre*: aterrizar, aterrizar. Preposição *em*: abertir, afundar, aguar, amarrar, amordaçar, arrotar, atrelar, bloquear, canalizar (pôr canos), confinar, disfarçar, embandeirar, emoldurar, emplacar, encaixar, encaixilhar, encantar, encapar, encarnar, enfiar (pôr o fio na agulha), enfiar (pôr no fio), enforçar, enformar, enfonhar, engaiolar, engomar, engradado, enjaular, enluvar, enquadrar, enrolar, enterrar, envasar, envasilhar, estofar, reprezar, rolar, tampar. Preposição *para*: abaixar, encasar.

⁹ Os verbos durativos são aqueles que, além de estarem no caso locativo, ainda apresentam sentido de duração da ação. Nas paráfrases, os nomes dos quais derivam os verbos durativos aparecem em frases preposicionais. Outros exemplos de verbos durativos no português brasileiro: *feriar*, *invernar*, *pernoitar*, *veranear*.

¹⁰ Exemplos no português brasileiro de verbos agentivos: *Ocupações/profissões*: advogar, assessorar, capitanear, chefar, liderar, orientar, pastorear, pilotar, policiar, vigiar, voluntariar. *Papéis especiais*: dirigir, estrelar (num filme), liderar, monitorar, rivalizar, vagabundear, testemunhar.

frases, apresentam-se no caso instrumental, como pode ser visto em (9):

- (9) a. Ele cavalgou até a estalagem.
b. Ele alcançou a estalagem a cavalo.

A partir destes exemplos, podemos verificar que, no português brasileiro, a formação de verbos através de derivação denominativa apresenta-se como um processo produtivo. Da mesma maneira que no inglês, tais formações não são meramente derivações impróprias; antes, são resultado da organização de argumentos selecionados em um sistema não-ambíguo de relações sintáticas (cf. Hale & Keyser, 1992:107). Evidência disso é a existência de restrições sintáticas para a formação denominativa. A categoria V, que tem como projeção máxima um VP, admite somente incorporação de argumentos internos. A posição sujeito, que é externa ao VP, estaria impedida para incorporação, pois tem papel- θ externo. Assim, é possível incorporar somente os argumentos internos do verbo, gerando um novo item lexical. Quando o argumento é externo ao verbo, a incorporação não pode, por questões estruturais, se realizar. Este é o caso do exemplo abaixo.

- (10) a. A poeira cegou os cavalos.
b. *Poeirou os cavalos cegos.

Como se observa em (10), o NP (*a poeira*) está em [Spec, VP], ou seja, está externo à projeção máxima de V, nos termos da Teoria X', não admitindo a paráfrase correspondente nos termos de Clark & Clark (1979). Assim, considera-se que é possível estabelecer um paralelismo temático e estrutural entre construções que contêm predicados complexos e suas paráfrases. A natureza complexa de certos predicados segue do fato de que eles envolvem incorporação do núcleo de um argumento dentro do predicado verbal como uma instância de um processo sintático de mova- α , onde α é uma categoria nuclear (X^0).

as, represar. Seguir: enrabar, farejar, trilhar. Partes do corpo: abuzarhar, abocar, bracojar, cabecear, dedilhar, dentar, esperrejar, manusear, olhar, pestanejar, peitar, urinar. Ferramentas simples: canetear, escovar, liquidificar, pentear, pincelar. Ferramentas complexas: autoclavar, catapultar, centrifugar, guilhotinar, moer, tipografar, xerocar.

Estamos assumindo, então, que a formação de verbos denominativos é motivada pela sintaxe do item lexical. Na próxima seção, faremos uma breve exposição do mecanismo de incorporação no âmbito da sintaxe lexical.

2. A Derivação à luz da Sintaxe Lexical

O processo de formação lexical *derivativo* é explicado por Hale & Keyser (1993) à luz da *sintaxe lexical*. O ponto de partida da análise da proposta destes autores é a identificação da estrutura argumental com a estrutura lexical, ou seja, a estrutura lexical passa a ser considerada como o objeto sintático e, portanto, sede das relações sintáticas. Tomando como exemplo o caso dos verbos, para se representar o conjunto de relações sintáticas no interior da estrutura lexical de um determinado verbo, projeta-se a categoria do núcleo verbal para o nível sintagmático e, nesta projeção, determinam-se as estruturas sintáticas entre a projeção categorial nuclear e os seus respectivos argumentos. Os autores denominam estas projeções de Estruturas Argumentais Lexicais (LPS's).

Presente ainda na teoria de Hale & Keyser (1992, 1993) está a relação entre categorias lexicais e categorias nocionais básicas:

- V → evento (e)
N → entidade ou instância (n)
A → estado (s)
P → relação (r)

Segundo Hale & Keyser (1992, 1993), a derivação de certos verbos denominativos se dá por intermédio do mecanismo *incorporação*, através de movimento de núcleo. Este mecanismo caracteriza-se por um processo através do qual determinados complementos se integram à projeção do núcleo que os rege através de uma operação de estruturação que une ambos os constituintes (núcleo e complemento) gerando uma única palavra.

De acordo com a *Condição Geral de Preservação da Estrutura*, um núcleo só pode se mover, por substituição ou adjunção. Esta operação recebe o nome de *Movimento de núcleo a núcleo*, dentro do qual destaca-se uma subclasse: o movimento deno-

minado *Incorporação* (Baker, 1988)¹⁵. Segundo esse movimento, o núcleo deslocado se adjunta ou incorpora o outro núcleo formando um novo nó da mesma natureza categorial do nó a que foi adjuntado. A incorporação exige que o núcleo incorporante seja regente do núcleo incorporado. Esta exigência, conhecida na Teoria Gerativa como Restrição ao Movimento de Núcleo (*HMC, The Head Movement Constraint*), se explica como uma forma de respeitar o Princípio das Categorias Vazias (*ECP, Empty Category Principle*), um dos princípios que restringem o movimento. Por outro lado, uma vez que o núcleo de um sintagma se incorpora a outro núcleo, aquele segue regendo seus complementos.

3 Estruturas Argumentais Lexicais de Verbos Denominais na Linguagem Enológica

Como já se disse, as linguagens de especialidade constituem um bom ponto de partida para análises das propriedades sintáticas e semânticas dos verbos denominais, visto que, ao se constituir um léxico, primeiramente, se designam as entidades envolvidas no domínio especializado, ou seja, atribuem-se nomes a coisas.

Segundo Sager (1990), o léxico especializado é constituído basicamente por nomes. Para expressar processos, essas linguagens se valem, primeiramente, de nominalizações, como é o caso de *champanhização* (em vez do verbo *champanhizar*). Só posteriormente, para expressar a ação intrínseca ao processo nominalizado, é que derivamos verbos. Podemos supor, pois, que existam poucas ocorrências de verbos nas linguagens de

¹⁵ A noção de *incorporação* foi proposta, primeiramente, em Baker (1988). Esse autor, assumindo os pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1982, 1986 a, b), defende a idéia de que os processos de *incorporação* são regidos pelo ECP da mesma maneira que o movimento de categorias sintagmáticas (por exemplo, movimento de NP). O autor considera a morfologia como um módulo da gramática, estabelecendo graus de interação entre a morfologia e a sintaxe (cf. Kiparsky (1982, 1983) de Sciallo e Williams (1988), entre outros).

especialidade e que, dentre os existentes, a maioria seja denominai¹⁶.

Com relação à Linguagem Enológica, a partir dos 537 termos extraídos do *corpus* analisado¹⁶, constatou-se, no geral, uma baixa frequência de verbos. No entanto, neste pequeno universo, a maioria apresenta formação denominal. Por esta razão, a determinação das estruturas argumentais destes verbos é importante para a descrição do léxico enológico, pois essas estruturas, se recorrentes, podem revelar um mecanismo regular de formação de termos.

Exemplificando a determinação da estrutura argumental de um item lexical com um verbo denominal da Linguagem Enológica, temos:

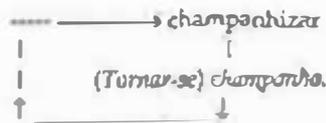
- (a) Estrutura lexical: *champanhizar*
- (b) Identificação do núcleo do verbo: *champanha*
- (c) Projeção do núcleo para o nível sintagmático: *tornar-se champanha*
- (d) Identificação da estrutura lexical com a estrutura argumental:
champanhizar = (Tornar-se) champanha.

Num caminho inverso, partindo desta projeção sintática lexical, retornemos à estrutura lexical. Como temos como válida a equivalência de (d), constatamos que no interior do item lexical está presente o nome *champanha*, ou, em outras palavras, o nome *champanha* foi incorporado na formação da estrutura lexical *champanhizar*. Observemos o esquema simplificado do mecanismo da *incorporação*.

¹⁶ Esta afirmação constitui uma das hipóteses do sub-projeto "Análise Sensorial Enológica: Proposta de Elaboração de um Glossário Técnico", de autoria de Leandro Zanetti Lara, orientação Prof. Sabrina Pereira de Abreu (INTERCON/UFRGS). Tal sub-projeto pretende descrever a terminologia de um subdomínio da Agronomia, a Análise Sensorial Enológica, conforme metodologias lexicográfica e terminográfica e fundamentos da lexicologia, para a elaboração de um glossário multilíngue de linguagem de especialidade.

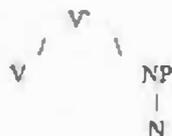
¹⁷ O *corpus* analisado é constituído da coleta de dados em textos documentais, os quais foram indicados pelo Prof. Viktor Manfiol, especialista em enologia e consultor técnico do Projeto INTERCON.

(11)



Formalmente, temos a seguinte representação arbórea para a incorporação do nome ao verbo. Este processo supõe a subida do nome para o verbo:

(12)



(13)



De acordo com Hale & Keyser (1993:54), a estrutura em (12) é a de um verbo e de seu complemento. Esta estrutura é a mesma de *dar* (como em *dar um espirro*), *tornar-se* (como em *tornar-se flor* ou *tornar-se champanha*) e *fazer* (como em *fazer drama*). A diferença é que a representação da estrutura lexical de um verbo intransitivo como *espirrar*, *florescer*, *champanhizar* ou *dramatizar* envolve a incorporação, em um verbo abstrato, de núcleo N do NP deste verbo abstrato. Este processo de incorporação está representado em (13). Ou seja, o núcleo N do NP governado pelo V é movido e incorporado a este verbo. O "composto" resultante, no qual apenas o componente N se realiza fonologicamente, corresponde ao verbo denominai. A derivação apresentada em (13) está de acordo com os princípios que restringem o processo de incorporação, em especial, está de acordo com a Restrição ao Movimento de Núcleos.

Assim, explicitada a identificação da estrutura argumental com a estrutura lexical, ou seja, como ocorre a vinculação dos níveis sintático e semântico no interior da estrutura lexical de um determinado verbo, passemos à análise dos verbos denominais da Linguagem Enológica.

3.1 Incorporação de núcleo N

Consideremos a sintaxe lexical da estrutura dos verbos denominais de alvo, intransitivos, presentes na Linguagem Enológica, tais como *avinagar*, *champanhizar*, *vinificar*¹¹, ou seja, são verbos que expressam a transformação de uma fonte em um alvo. Observemos a representação do verbo *vinificar*:

(14)



(15)



¹¹ Definições de verbos da Linguagem Enológica:

avinagar: (do vinho) tornar-se inutilizado para a consumo, com odor e sabor de vinagre.

champanhizar: (do mosto) tornar-se champanha.

vinificar: (do mosto) tornar-se vinho.

O diagrama-arbóreo, em (14), representa a projeção lexical do verbo, que corresponde à sintaxe de um verbo e seu complemento (estrutura argumental). O diagrama em (15), por sua vez, representa a incorporação para o interior de um verbo abstrato de um núcleo nominal N e de seu NP complemento para a obtenção da formação derivacional do verbo em questão. Ou seja, um núcleo N de um NP regido por V é movido e incorporado a este V.

O conteúdo semântico elementar deste verbo denominai intransitivo apreenta a categoria lexical V, que está ligado à noção de *evento*, e a categoria lexical N à de *entidade* relacionadas da seguinte forma:

(16) e → n

Tal representação é de muito interesse para a organização do léxico da Linguagem Enológica, pois representa os diversos tipos de *processos* por que o mosto²¹ pode passar: o mosto pode *torna-se* vinagre, vinho ou champanha.

O mesmo acontece com outros verbos intransitivos da linguagem com um, como é o caso de *florescer*.

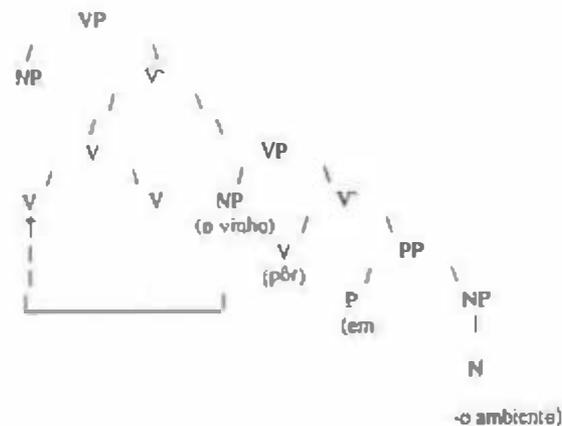
3.2 Incorporação de núcleo P

Nos verbos denominais locativos e *locatum* da Linguagem Enológica, temos a incorporação de um núcleo P, além no núcleo N. Exemplos disso são os verbos *ambientar*²² e *aromatizar*, respectivamente. Da mesma forma como utilizamos o verbo abstrato *tornar-se* (porque se tratava de entidades), tomaremos o verbo *pôr* (que estabelece relações).

²¹ Mosto: líquido resultante da prensagem das uvas, suco ou sumo que ainda não se tornou vinho.

²² O significado do verbo *ambientar*, na Linguagem Enológica, é de pôr o vinho no ambiente para que este fique à temperatura do local. Usa-se, também, a expressão (*fact*) a *ambientação* do vinho.

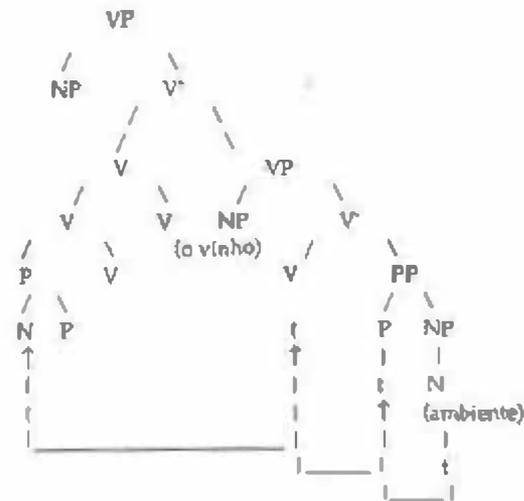
(17) a Ele *ambientou* o vinho. = Ele pôs o vinho no ambiente.
b.



Entretanto, o que temos na estrutura lexical *ambientar* são as incorporações do nome, da preposição e do verbo abstrato, não do verbo *pôr*.

c. Ele *ambientou* o vinho.

d.



Semanticamente uma entidade n (ambiente) relaciona-se através de uma P com outra entidade n (vinho). O verbo corresponde a um evento dinâmico. Portanto, uma ação entre duas entidades resulta numa inter-relação:

(18) e → r

O mesmo acontece com os verbos *locutar*, *aromatizar* e *engarrafar*. Como vimos anteriormente, estes são verbos que descrevem a localização de uma entidade em relação a outra.

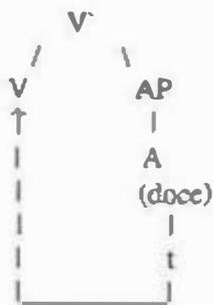
(19) a. Aromatizaram este vinho.

b. Puseram *compostos aromáticos* neste vinho.

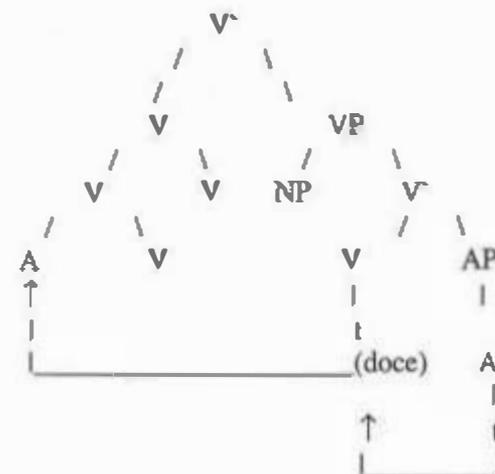
3.3 Incorporação de núcleo A

A Linguagem Enológica também apresenta verbos que envolvem a incorporação de um núcleo adjetival, tais como *adocicar* e *adulterar*. Vejamos a LRS do verbo *adocicar* em detalhe:

(20) a. adocicar



b. Ele adocicou o vinho.



Esta estrutura argumental apresenta um *tema* e uma relação semântica elementar associada a uma mudança de estado:

(20) e → s

A relação semântica em (20) é inerente ao léxico enológico e, sobretudo, ao da Análise Sensorial, porque a Técnica de Degustação pressupõe sempre a avaliação do estado em que uma determinada amostra de vinho se encontra. A relação semântica em questão pode ser observada, também, nos verbos *botritizar* e *aveludar*².

4. Considerações Finais

Este artigo procurou contribuir para os estudos terminológicos através de uma exemplificação de como se pode representar a organização do léxico especializado, evidenciando suas propriedades sintáticas e semânticas. Vimos que a língua-

² Definições de verbos da Linguagem Enológica:

adocicar: tomar doce com baixa acidez.

adulterar: adicionar substâncias estranhas.

aveludar: tornar macio, untuoso, viscoso, com textura de veludo.

botritizar: (do vinho) advir das uvas contaminadas com o fungo Botrytis.

gem Enológica apresenta formações produtivas de verbos denominais. Além disso, procuramos demonstrar que a determinação das estruturas argumentais deste tipo de formação lexical, através da sintaxe lexical conforme proposto por Hale & Keyser (1992, 1993), garantem visibilidade à relação entre a estrutura sintática e o conteúdo lexical correlato. A próxima etapa será a ampliação do corpus examinado, bem como o estudo de linguagens de especialidades diversificadas.

Referência bibliográfica

- BAKER, M.C. (1988). *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago, IL: University.
- CABRÉ, M.T. (1993) *La terminología: la teoría, los métodos, las aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empúries.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on government and binding*. Foris. Dordrecht.
- ____ (1982) *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge, MA, MIT Press.
- ____ (1986a) *Knowledge of language: Its nature, origins and use*. New York: Praeger.
- ____ (1986b) *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CLARK, E. & CLARK, H. (1979) When nouns surface as verbs. *Language* 55:767-811.
- FAULSTICH, E. (1996) Spécificités Linguistiques de la Lexicologie et de la Terminologie: Nature épistémologique. *Meta*, XII, 2.
- HALE, K. & KEYSER, S.J. (1992) The syntactic character of thematic structure. In: *Thematic structure: Its role in grammar*, ed. I.M. Roca. Berlin: Foris. pp.107-143.
- ____. (1993) "On argument structure and the lexical expression of syntactic relations". *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press.
- SAGER, J.C. (1990). *A practical course in terminology processing*. Amsterdam; Filadelfia: John Benjamins.